



DEUS É ASSIMÉTRICO: CIÊNCIA E DISCURSO NARRATIVO EM CRIAÇÃO IMPERFEITA DE MARCELO GLEISER

Guilherme Preger (UERJ)

Gustavo Bernardo Krause (UERJ)

gfpreger@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho propõe a leitura de *Criação imperfeita. Cosmo, vida e o código oculto da natureza*, de Marcelo Gleiser, para investigar a presença da narrativa como componente do discurso científico, especialmente na área da cosmologia contemporânea. É proposta a tese de que a elaboração de narrativas é etapa importante, embora raramente explícita, para a construção de paradigmas científicos, sobretudo quando a ciência se defronta com questões “indecidíveis”. A noção de “ciência monoteísta” será debatida como narrativa hegemônica. Através da distinção entre hipótese, dogma e ficção, proposta por Hans Vaihinger, a ficcionalidade dos postulados científicos será alvo de análise. Este trabalho reelabora o problema das Duas Culturas, levantado por C.P. Snow, a partir de uma perspectiva literária.

Palavras-Chave: Literatura da Ciência. Narrativa. Ficção. Paradigma. Indecidibilidade. Duas Culturas.

Este trabalho tem o objetivo de ser um estudo introdutório para a preparação de minha tese *Fábulas da Ciência*. Proponho-me a analisar a presença das formas narrativas no espaço comunicacional das chamadas ciências duras ou exatas, ou, como define Pierre Bourdieu, o chamado “campo científico”. Mais exatamente, a relação entre narratividade e discurso científico em sentido estrito. Em termos mais gerais, é uma tentativa de abordar o problema levantado em 1959 pelo químico e romancista Charles Percy Snow, também conhecido como C.P.Snow, ao proferir uma palestra denominada

“As Duas Culturas”, na qual ele menciona uma pequena anedota que lhe teria acontecido:

“Algumas muitas boas vezes, tenho estado presente nas reuniões de pessoas que, pelos padrões da cultura tradicional, são altamente educadas, e com considerável gosto expressam sua incredulidade no analfabetismo dos cientistas. Uma vez ou duas vezes, eu fui provocado e então perguntei aos colegas quantos deles poderiam descrever a segunda lei da termodinâmica. A resposta foi fria e também negativa. No entanto, eu estava pedindo algo que é o científico equivalente de: você já leu alguma obra de Shakespeare?”¹

O problema d'As Duas Culturas seria o de um crescente hiato de compreensão entre os discursos das ciências humanas e exatas, como se fossem duas linguagens tornadas cada vez mais estranhas entre si. Para C.P. Snow isso representava uma tragédia para o desenvolvimento humano e ameaçava as convicções de uma cultura humanística integrada. Essa polêmica já foi muitas vezes discutida, mas pretendo abordá-la novamente, desta vez dentro da perspectiva do campo literário propriamente dito. Proponho uma hipótese inicial: que as Duas Culturas, humanas e exatas, se aproximam entre si pelo uso reiterado da narrativa. Do ponto de vista das assim chamadas Humanidades, é ponto pacífico o recurso à narrativa. Mas na perspectiva das ciências duras, ou exatas, o uso da narrativa é frequentemente ignorado, eludido, omitido, ou simplesmente refutado.

Gostaria de iniciar a discussão da função da narrativa no discurso científico com uma leitura de *Criação Imperfeita. Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza*, do físico Marcelo Gleiser, lançado no ano de 2009, pela editora Record. Professor nos Estados Unidos, Gleiser é provavelmente o mais conhecido divulgador de ciência brasileiro, ou pelo menos o mais bem sucedido em termos de público-leitor. Sua área de atuação é a cosmologia e as teorias do Modelo-Padrão que objetivam descrever as “partículas elementares”, os blocos mínimos de formação da matéria, da energia e do espaço. O tema desse livro é a controvérsia científica a respeito da origem do universo e das chamadas “teorias da unificação”, que abordaremos mais adiante.

Antes, no entanto, um breve comentário a respeito da assim denominada “literatura de divulgação científica”. Trata-se de um ramo pouco estudado nas

1 https://en.wikipedia.org/wiki/The_Two_Cultures

academias de Letras brasileiras apesar do crescente sucesso das publicações que têm como objeto as ciências “duras”, exatas, ou mesmo as ciências biológicas e médicas; enfim, as ciências experimentais. Não raro seus autores, cientistas dedicados, figuram nas listas dos livros mais vendidos e frequentemente são convidados para bienais e festivais literários. Em geral, considera-se que esses autores traduzem para um público amplo, com linguagem acessível, questões complexas de suas áreas de atuação. Considera-se, com razão, que a linguagem que utilizam para realizar esta tradução é diferente da linguagem com que tratam dos mesmos problemas com seus pares. No entanto, não se pode concluir daí que, ao realizarem a divulgação de temas complexos, tais autores banalizem e falseiem a linguagem científica. A literatura de divulgação científica é, em si mesma, um campo autônomo de discurso.

Não faremos nesta ocasião uma discussão mais aprofundada da função literária ou cultural da literatura de divulgação científica. Interessa-nos, antes, como essa literatura articula sua dimensão narrativa que, como mencionamos, é frequentemente omitida no sentido estrito do discurso científico. É o que nos propomos a fazer em nossa abordagem do livro de Marcelo Gleiser. Este autor abre sua obra colocando em termos claros seu tema e seus objetivos:

“Neste livro, veremos que a crença numa teoria física que propõe uma unificação do mundo material – um código oculto da Natureza – é a versão científica da crença religiosa na unidade de todas as coisas. Podemos chamá-la de 'ciência monoteísta'. Alguns dos maiores cientistas de todos os tempos, Kepler, Newton, Faraday, Einstein, Heisenberg e Schrödinger, dentre outros, dedicaram décadas de suas vidas buscando esse código misterioso que, se encontrado, revelaria os grandes mistérios da existência. Nenhum deles teve sucesso”.
(Gleiser, 2009)

Em *Criação Imperfeita*, Marcelo Gleiser irá contestar os pressupostos das chamadas teorias da unificação. Em diversas teorias de ponta da cosmologia contemporânea, há uma busca por unificação. Unificação das 4 forças (interações) elementares, unificação entre a mecânica quântica e a teoria da relatividade de Einstein, unificações das muitas hipóteses para a origem do universo num único grande evento fundador. Esse projeto unificador pode ser resumido, segundo o autor, numa busca do “Grande Código Oculto da Natureza”, que codificaria uma lei absolutamente simples e fundamental de onde seriam geradas todas as demais leis responsáveis pela diversidade

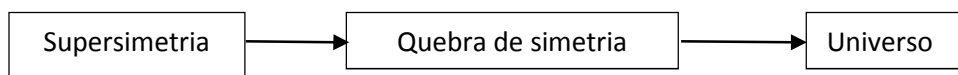
e complexidade do cosmo. Essa lei elusiva seria fundante de uma Teoria Final, de onde derivariam todas as demais teorias. Por criadora e totalizadora, teria o valor de uma linguagem divina que expressaria a própria “mente de Deus”, conforme mencionou certa vez o grande físico inglês Stephen Hawking.

A unificação depende, no entanto, de uma premissa ou hipótese: a existência de uma simetria fundamental, ou uma “supersimetria”, que precederia a existência do universo tal como o conhecemos:

“Todas as teorias de unificação baseiam-se na noção de que quanto mais profunda e abrangente a descrição da Natureza, maior o seu nível de simetria matemática. ... Claro, a ideia de simetria sempre foi e continua sendo uma ferramenta essencial nas ciências físicas. O problema começa quando a ferramenta é transformada em dogma (Gleiser, 2009, p.14)”.

Essa busca por unificação viria desde os primórdios do pensamento da ciência. Sua origem encontra-se na assim chamada Escola Jônica, de Tales de Mileto, que defende a unidade de todas as substâncias. A Escola de Pitágoras associará a esta ideia a noção de simetria, com a geometria e o número. A partir desses, a lógica da unificação atravessa o pensamento dos maiores cientistas físicos de todos os tempos como Kepler, Galileu e Einstein e chega às atuais teorias de ponta da ciência avançada, na teoria das Supercordas e na Teoria de Tudo. Desenvolve-se, assim, no discurso científico o argumento da convergência dos “unificadores”: a unidade das substâncias, a perfeição das formas elementares e o código oculto. A tese da unificação supõe, entretanto, a premissa de uma simetria primordial. Gleiser atribui essa premissa a uma tendência monoteísta da própria ciência em que o princípio é a simetria perfeita e simples.

A ciência monoteísta seria aquela que, para defender certa hipótese, lança mão de uma premissa transcendental que não pode ser comprovada empiricamente. A ideia de uma simetria fundamental, uma arquissimetria ou uma “supersimetria”, como é denominada, teria o valor na ciência, segundo Gleiser, de uma crença num ser superior ou mesmo divino, por ser essa simetria a noção mais acabada de perfeição. Com isso, tal crença acaba por gerar uma narrativa primordial que dá coerência e consistência ao edifício teórico formulado. Essa narrativa fundante pode ser descrita por um diagrama lógico simplificado:



Ou, colocando em termos propriamente narrativos: *“Era uma vez uma Supersimetria, perfeita e simples tal qual um Deus único. Em certa ocasião essa simetria partiu-se e então daí formou-se o Universo”*. Embora o autor não descreva a narrativa nesses exatos termos, é exatamente esta pequena “fábula” que se explicita em seus argumentos e é responsável por encadear as hipóteses às teorias e as causas às consequências. No entanto, essa narrativa nunca é explicitada no discurso científico das teorias unificadoras, mas produz, de forma imprevista, certo excedente de sentido. Pois, a própria noção de “quebra de simetria” traz com ela uma ideia de imperfeição, de “perda de qualidade”, de “degradação”; enfim, de pecado e falta, como na cosmologia cristã. São conotações que transcendem inteiramente o discurso científico. É este “excesso de sentido” que caracteriza a força das narrativas.

Contra essa narrativa monoteísta, Marcelo Gleiser irá defender a importância das assimetrias na constituição material do universo e na origem da própria vida. Mas fará isso não apenas como um debate de argumentos, mas como uma controvérsia de narrativas. O título de *Criação imperfeita* se refere às assimetrias que acontecem na natureza e que permanecem não explicadas pela ciência: a assimetria do tempo, da matéria, da vida e da consciência. Não será possível aqui repassar todas essas assimetrias cujas descrições detalhadas preenchem boa parte de seu livro. Resumidamente, podemos dizer que a assimetria temporal se refere à própria origem do tempo pelo evento do Big Bang; assimetria da matéria se refere ao excesso de partículas em relação à de antipartículas; assimetria da vida diz respeito à misteriosa origem da vida, que contraria o crescimento universal de entropia; assimetria da consciência ao quase milagroso surgimento da vida inteligente que é a capaz de pensar em si própria.

Percebemos que a série de assimetrias arrolada por Gleiser não é lógica ou necessária. Com certeza funciona como argumento poderoso em sua controvérsia contra a primazia da simetria. No entanto, embora aponte para várias experimentações que supostamente vêm confirmar seus argumentos, o físico admite que essas ainda não foram conclusivas. Desconfiamos estar na presença da construção de outra narrativa

que irá funcionar como uma “contranarrativa”. Veja-se como Gleiser define as assimetrias:

“ A assimetria do tempo proporciona um mecanismo para explicar um dos grandes mistérios de todos os tempos, a origem da vida: ao traçarmos os detalhes da história que leva do cosmo à célula, compreenderemos que somos produtos de assimetrias esculpidas nas entrelinhas do código oculto da Natureza” (p. 74).

Para contestar a narrativa da ciência monoteísta, Gleiser constrói uma contranarrativa que encadeia as várias assimetrias apresentadas, da origem do universo ao surgimento da consciência inteligente, como ligadas por uma mesma história “que leva do cosmo à célula”. As assimetrias são, assim, uma nova lógica para explicar a “Criação Imperfeita”, como “esculpidas nas entrelinhas do código”, à maneira de um ruído que perturba a narrativa monoteísta hegemônica.

A questão se torna: como comprovar ou refutar uma narrativa? O filósofo da ciência Karl Popper propôs que uma teoria pode ser considerada científica se ela pode ser “falseada”. Por esse critério, uma teoria é científica se puder produzir uma condição experimental na qual um argumento essencial da teoria pode ser refutado. Se não houver possibilidade de refutação experimental, então essa teoria não é científica. Isso gera um problema para o recurso à narrativa, pois não podemos refutá-las, podemos apenas propor narrativas diferentes. A questão se transforma assim em: qual narrativa é melhor? Qual narrativa é mais coerente, consistente ou verossímil? Se não podemos refutar, devemos decidir qual narrativa precisaremos adotar ou confiar. O fato de que narrativas não podem ser “falseadas” ou refutadas é o principal motivo pelo qual se nega sua presença no discurso científico. Admitir que a ciência constrói seus paradigmas e suas teorias e dirige suas pesquisas laboratoriais baseada em histórias que inventa e transmite a seu público é assumir uma posição arriscada no campo científico. A Ciência não produz ficções, mas hipóteses que podem ser testadas e comprovadas. Gleiser admite que a ciência é uma pesquisa aberta e a tentativa de se chegar a uma “Teoria Final” seria uma maneira de fechar essa busca:

“Eu diria que estivemos sempre 'errados', e que assim continuaremos indefinidamente. Não existe uma resposta final 'certa', o fim do túnel, por assim dizer; apenas uma sequência de descrições cada vez mais precisas do Universo em que vivemos” (p. 145).

Os físicos não conseguem, no entanto, demonstrar como as descrições se tornam cada vez mais precisas, ou qual a medida dessa precisão. Em uma frase brilhante, “*Talvez não sejamos a medida de todas as coisas, como propôs o grego Protágoras em tempos pré-socráticos, mas somos as coisas que podem medir*” (p.337), Gleiser aponta a intrínseca relação entre descrição e medição. Todo processo de cálculo e medição acaba por passar também pela necessidade de descrição e é nesse momento que a questão da narrativa se impõe. Em *Criação Imperfeita*, Marcelo Gleiser mostra como a narrativa fundamental da busca do código oculto da natureza funciona como dispositivo retórico para consolidar publicamente uma pesquisa que não pode ser, nas condições atuais, inteiramente verificada. Devemos lembrar que teorias como a das supercordas recebem vultoso subsídio público para realizar seus estudos e pesquisas. Mas o essencial do argumento, no entanto, não está em dizer que essa narrativa é apenas um instrumento de persuasão e convencimento do público e *dos outros*. Certamente, essa não é uma história de engano ou logro da opinião pública ou das agências estatais ou privadas de fomento à pesquisa. É preciso entender antes tal narrativa como *autoconvencimento*: quem precisa de fato desse discurso são os próprios cientistas envolvidos. Mas seria errôneo também reconhecê-la como uma lógica do autoengano. O fato é que todo paradigma científico é mais do que um conjunto de conceitos teóricos, uma coleção de hipóteses, uma série de experimentos arranjados pela “ciência normal” (Kuhn, 1970). Todo paradigma pressupõe também uma narrativa.

A esse respeito, um dos interesses maiores de *Criação Imperfeita* é o contraste entre o esforço teórico de questionar pressupostos científicos com argumentos próprios a esse campo discursivo e a dramatização de sua trajetória pessoal no interior desse campo que nele produz uma grande inflexão. Este drama tem início com o triste e melancólico relato autobiográfico de sua infância e a perda precoce, aos seis anos, da presença materna que lhe impôs o “medo das trevas” e a fixação do adolescente com os temas mórbidos:

“Sei que pareço ter sido um pré-adolescente um tanto desequilibrado, mas minha morbidez não vinha do nada. Quando tinha seis anos, minha mãe morreu em circunstâncias trágicas. Agora que tenho filhos vejo no meu dia a dia a devastação emocional que uma perda dessas causa. De repente, passei a ser a criança que não tinha mãe, a que meus amigos olhavam de forma estranha, como se fosse uma ovelha desgarrada. ... O mais doloroso de não ter mãe é não ter uma mãe: é

não ter o seu colo e os seus abraços quando você tem medo; é não ter ninguém para celebrar com você as notas boas ou a vitória num jogo; é não ter mais aquela pessoa que você sabe que o amará incondicionalmente. ... A maior tragédia de não ter mãe é saber que ela não o verá crescer, que não será mais parte de sua vida; é saber que haverá um lugar vazio na sua formatura, no seu casamento, no nascimento do seu primeiro filho. É a ausência que dói. A maior tragédia de não ter mãe é que é para sempre” (p. 30).

A irreparável tragédia em sua vida é a marca da presença de uma “assimetria” existencial cujo efeito virá a ser a formação do futuro cientista. Para escapar do “medo das trevas” virá em socorro o interesse pela ficção científica e a busca pelos segredos últimos da natureza: “A noção de que uma ordem oculta permeia tudo que existe me impressionou profundamente”. Contra a desordem existencial que a perda do afeto materno lhe causou, veio a certeza de que havia uma “realidade invisível” além dos sentidos. É assim que Gleiser se tornará um dos “unificadores” e partirá em busca do “código oculto da Natureza”. Ele dedicará sua carreira acadêmica à pesquisa sobre a Teoria Final. Seu doutorado será sobre a Teoria das supercordas, uma das versões dessa teoria. No entanto, algo parecia ainda fora da ordem:

“No início de minha carreira, quando era um Unificador devoto, Einstein era a minha inspiração principal, mas não a única. Outros pioneiros da física também buscaram a unificação, validando a minha escolha. ... Dediquei uma década às teorias de unificação e à sua formulação em espaços com mais de três dimensões. ... Mesmo assim, apesar de toda essa atividade, no início da década de 1990 comecei a pensar de modo diferente de meus colegas. Preocupava-me muito com o fato de que a maioria das ideias que estávamos propondo eram tão remotas e abstratas que provavelmente jamais seriam testadas. Caso isso fosse verdade, como saber se faziam sentido? Será que a evidência indireta é suficiente em física? (p. 216).

Como as diversas assimetrias que se sucedem e se encadeiam na evolução do universo, também as dúvidas e lacunas causavam ruídos no avanço de sua carreira:

“Mesmo que, inicialmente, tenha evitado pensar no assunto, aos poucos a noção de que a Teoria Final era uma fantasia começou a tomar corpo. A virada deu-se em 2002, quando eu e minha esposa construímos uma casa no meio de um bosque situado a 25 quilômetros de Dartmouth, a universidade onde leciono nos Estados Unidos. ... A Natureza nos espiava constantemente pelas janelas exageradas da casa, impossível de ser ignorada. Pela primeira vez na vida, vislumbrei o mundo com os olhos bem abertos, sem uma teoria preconcebida para guiar meus pensamentos. Vi que as árvores nunca

se bifurcam de forma perfeita, que as nuvens não são esféricas, e que as estrelas se distribuem no céu noturno sem um padrão aparente. Entendi que a ordem que impomos na Natureza é a ordem que tanto queremos nas nossas vidas.” (p. 216).

Este relato pessoal, narrado sob a forma de uma epifania, representa a emergência de outra “assimetria”, cortando sua carreira acadêmica como um divisor de águas. Essa epifania é semelhante à perda da fé. Não é, no entanto, um momento de “eureka”, tão famoso nas histórias da ciência. A descrença descrita por Gleiser é com certo modelo narrativo. A ordem cósmica procurada na noção de simetria não passava da projeção do desejo interior por ordem. Assim, há também duas narrativas para sua tese: a primeira, manifesta, de que as assimetrias da natureza se encadeiam e a segunda, a de sua assimetria existencial causada por uma grande infelicidade.

O relato de Marcelo Gleiser nos leva à questão de que temos narrativas concorrentes e precisamos decidir entre elas sem, no entanto, ter critérios precisos para tomar essa decisão. Trata-se de um problema conhecido na área das ciências matemáticas, o problema da decisão, ou em alemão Entscheidungsproblem. Trata-se de uma questão que remonta à Leibniz que propôs construir uma máquina que pudesse decidir todos os problemas. Em 1928, o matemático David Hilbert formulou esse problema em termos lógico-formais. Em 1936, o matemático Alan Turing chegou a um resultado espantoso. Ele provou que é impossível obter um método de validade universal que possa decidir todo e qualquer problema. Assim, haverá sempre problemas denominados de “indecidíveis”, ou seja, problemas que não sabemos decidir se podemos ou não resolvê-los.

A área de atuação do físico Marcelo Gleiser, a cosmologia, é uma área repleta de problemas dessa natureza. A questão não é simplesmente a de que não temos condições experimentais para comprovar esta ou aquela hipótese. Muitas vezes, a cosmologia trabalha com questões que são intrinsecamente indecidíveis. Essa é uma questão bastante complexa e abrangente e não podemos discuti-la nesse espaço e nesse momento. Mas deslocando nosso problema da questão de comprovar teorias para a questão de decidir entre narrativas, mudamos de perspectiva.

Em sua obra, *A Filosofia do Como Se*, Hans Vaihinger defende a importância das ficções para a Ciência. O teórico propõe a distinção entre os conceitos de hipótese e

ficção. Para Vaihinger, esses conceitos muitas vezes se confundem e em outras são reversíveis entre si. Conceitos como “átomo” e “força” já foram hipóteses, mas no início do século XX (quando o autor escreve sua obra) já eram considerados como da ordem da ficção. Então como distinguir esses dois conceitos?

“A hipótese concerne sempre à realidade, isto é, a construção de representações nela contida aspira ou alimenta a esperança de coincidir no futuro com alguma percepção. Ela submete sua realidade ao exame e demanda a verificação, ou seja, almeja ser confirmada como verdadeira e real, como expressão real da realidade” (Vaihinger, 2011, p.231)

Se há um compromisso com a realidade e a verificação, toda hipótese almeja ao final ser incorporada (“fixada”) à descrição da realidade, ou caso contrário ser descartada, ao passo que a ficção objetiva apenas ser “útil” e “proveitosa” para o conhecimento, pois ela permite organizar os dados sensoriais da realidade como uma “função lógica”. Toda ficção tem, portanto, um valor apenas “heurístico”, podendo, após seu uso, ser “desmontada”. Uma ficção é regida conforme seus fins e não pode ser verificada, mas apenas justificada:

“À verificação das hipóteses corresponde à justificação das ficções. Se aquelas podem ser confirmadas pela experiência, estas precisam se justificar pelos serviços prestados à ciência da experiência” (Vaihinger, p. 236).

Vaihinger diz que hipótese e ficção estão sempre se tangenciando e podem muitas vezes trocar de lugar. Para descrever esse movimento, o filósofo alemão propõe então sua “lei do deslocamento de ideias”, introduzindo um terceiro elemento, o dogma. Ele diz que há um movimento natural que vai da ficção ao dogma, passando pela hipótese, ou vice-versa. Com esta trajetória, as tensões psíquicas do conhecimento se reduzem, pois as representações passam de um “equilíbrio instável” para um “equilíbrio estável”. O dogma representa sempre um estágio de menor tensão, de conforto psíquico, de uma representação que se estabilizou. No entanto, o filósofo adverte que, exatamente por essa posição de conforto, há sempre a possibilidade de uma hipótese se transformar em dogma de “maneira ilegítima”, bem como uma propensão da ficção se transformar em dogma sem intermediação da hipótese.

A lei do deslocamento de ideias nos dá uma indicação do real problema descrito por Gleiser em relação ao conceito de “simetria”. Inicialmente, como uma ferramenta heurística que permitia simplificar o cálculo, depois como uma hipótese sobre a origem do universo e quase que imediatamente como dogma “unificador”. A passagem imediata do estatuto de hipótese (“havia um estado simétrico perfeito antes da origem do universo”) para o de dogma provavelmente se deve ao fato de que sua comprovação está fora do alcance (atual) da ciência.

Porém, onde entra a questão da narrativa propriamente dita? Para Vaihinger, ficções são modalidades de ideias e não modalidades de discursos. Podemos, entretanto, articular a ideia de narrativa através da relação entre ficção e justificação mencionada anteriormente. Fazemos a seguinte proposição: narrativas são dispositivos retóricos que justificando a si próprios, justificam também as suas ficções. Por exemplo, no âmbito da cosmologia: qual a necessidade do conceito de simetria na cosmologia, segundo Gleiser? Num capítulo interessante de seu livro, o autor se refere ao “Deus das lacunas”, aquele que vem preencher certo intervalo no conhecimento empírico-experimental:

“Com grande ironia, a situação ecoa o argumento do “Deus das Lacunas”, usado com frequência nos embates entre ciência e religião, que afirma que Deus começa onde a ciência termina. À medida que a ciência progride e aprendemos mais sobre a Natureza, Deus para sua humilhação, vai sendo espremido para uma lacuna cada vez menor. ... Podemos construir um argumento equivalente para a unificação, 'A Unificação das Lacunas': a unificação começa onde nossas teorias atuais terminam. O que não sabemos, a unificação explicará. À medida que a ciência avança e aprendemos mais sobre a Natureza e sobre a violação das simetrias, a unificação, para sua humilhação, vai sendo espremida numa lacuna cada vez menor. Teorias são revisadas às pressas, parâmetros são reajustados e a missão da unificação é redefinida. Os que acreditam na unificação afirmam que a lacuna nunca se fechará por completo e a unificação um dia será demonstrada. Já os céticos acham que está na hora de deixar sua ideia para trás” (p.186)

Mas vimos que há indicações de que, usando a linguagem matemática, haverá sempre problemas “indecidíveis” que não sabemos se têm ou não solução. Se não aceitamos as premissas teológicas como fundamento para as hipóteses científicas, isso não significa que o espaço lacunar é um espaço para a emergência de narrativas? As narrativas são a forma social de “decidir o indecível”. No entanto, o reconhecimento

do discurso narrativo no interior da ciência não deve ser um argumento do enfraquecimento de sua posição, da relativização do seu critério de objetividade. Como a indecidibilidade é uma condição inerradicável da linguagem matemática e lógica da ciência, isto deve ser visto não como um obstáculo ao conhecimento, mas como sua abertura, a evidência de sua incompletude. Mas a narrativa não é aquilo que “ocupa” a lacuna, como se a dissimulasse. A narrativa é o que “emerge” dessa lacuna, sendo seu índice. Lacuna que é a marca de um Real que não pode ser simbolizado e que impede a teoria de ser completa, pois se assim o fosse, ela já estaria decidida, e não haveria lugar para o humano arbítrio. Narrativas trazem versões de mundos e são o modo humano de habitar suas lacunas.

Referências

GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita. Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KUHN, Thomas. The Structure of Scientific Revolutions. Chicago: The University of Chicago, 1970.

SÁNCHEZ MORA, Ana María. A Divulgação da Ciência como literatura. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2003.

VAIHINGER, Hans. A Filosofia do Como se: sistema de ficções teóricas, práticas, e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista. Trad. Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.